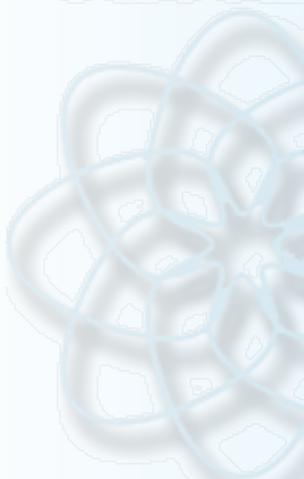


Teo  
Lite  
rária



V. 4 - N. 7 - 2014

\* O autor é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, doutorando em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Bíblia (Lato-Sensu) também pela Universidade Metodista, e bacharel em música (violão erudito) pela Universidade Cruzeiro do Sul. Atualmente leciona na Faculdade de Teologia Umbandista (FTU). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0893915454622475>.

---

## **Dois momentos na história recente da leitura bíblica: A Bíblia como literatura a partir de Erich Auerbach e Robert Alter**

---

**Two moments in the recent history of biblical reading: the Bible as literature from Erich Auerbach and Robert Alter**

*Anderson de Oliveira Lima\**

---

### **RESUMO**

Este artigo é dedicado à compreensão do que é ler a Bíblia como literatura. Nós apresentaremos dois momentos na história recente da leitura bíblica que aos nossos olhos parecem decisivos para a definição dessa forma de ler. Os dois momentos que selecionamos foram as publicações de duas obras importantes que abordaram os textos bíblicos a partir de uma perspectiva literária, diferindo das abordagens tradicionais, religiosas e exegéticas, e influenciando fortemente as próximas gerações. A primeira dessas duas obras foi *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental* do crítico alemão Erich Auerbach, publicada originalmente em 1946; a outra foi *A Arte da Narrativa Bíblica* do norte-americano Robert Alter, original de 1981. Examinaremos algumas das maiores contribuições desses dois autores para os estudos bíblicos e procuraremos demonstrar a dependência temática que há entre suas obras, para daí enumerar os principais pressupostos dessa forma de ler a Bíblia na atualidade, e defender a hipótese de que a mediação religiosa

continua dividindo os estudos bíblicos.

**Palavras-Chave:** Teoria Literária; A Bíblia como Literatura; Exegese Bíblica; Erich Auerbach; Robert Alter.

## ABSTRACT

This article is dedicated to the understanding of what is read the Bible as literature. We present two moments in the recent history of Bible reading that seem crucial to the definition of this form of reading. The two moments were the publications of two important works that approached the biblical texts from a literary perspective, differing from traditional approaches, religious and exegetical, and influencing the next generations. The first of these two works was *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature* by Erich Auerbach, originally published in 1946, the other was *The Art of Biblical Narrative* by Robert Alter, original 1981. We examine some of the main contributions of these two authors for the Bible studies and try to demonstrate that there is a thematic dependence between their works, then list the main assumptions of this way of reading the Bible today, and defend the hypothesis that religious mediation still dividing the Bible studies.

**Key-words:** Literary Theory; The Bible as Literature; Biblical Exegesis; Erich Auerbach; Robert Alter.

## Introdução

A expressão “a Bíblia como literatura” não é nova,<sup>1</sup> mas foi apenas nas últimas décadas que essa expressão ganhou maior popularidade. Nota-se, de um ponto de vista global, que ela apareceu cada vez com maior frequência a partir da década de 1970, dando

---

1. Antônio Magalhães cita, em *Deus no Espelho das Palavras*, o inglês Johann David Michaelis e o alemão Gottfried Herder como os descobridores da *Bíblia como literatura* já no século XVIII (MAGALHÃES, 2009, p. 138). E conforme escreveu David Norton em *The History of the English Bible as Literature*, a expressão *Bíblia como literatura* foi usada pela primeira vez por Matthew Arnold (1822-1888) (NORTON, 2004, p. 368).

nome a muitos livros e identificando um novo tipo de abordagem bíblica.<sup>2</sup> Atualmente há até quem diga que a partir dessas abordagens literárias já se estabeleceu um novo paradigma de interpretação bíblica (SOMMERS, 2007, p. 78). A mesma expressão só chegou ao cenário editorial brasileiro a partir da década de 1990, e devido a variedade das leituras bíblicas que se classificam como literárias, ainda nos é difícil determinar o que é ler a Bíblia como literatura no Brasil. Mesmo assim, em linhas gerais é possível dizer que o uso da expressão Bíblia como literatura remete a uma prática de leitura mais próxima dos hábitos preferidos pelos críticos literários seculares, em substituição àqueles mais comuns empregados pelos leitores religioso ou pelos exegetas da crítica histórica.

Sabemos que a abordagem mais comum da Bíblia é a religiosa, que se caracteriza pela pesada interferência de instituições religiosas entre obra e leitor. Mesmo hoje, além dos conteúdos dos próprios textos que já são religiosos (como não poderia deixar de ser numa coleção de textos tão antigos), cada Bíblia que tomamos em mãos nos chega com elementos extratextuais que nos convidam a lê-la com uma reverência particular. Geralmente suas capas apresentam em letras douradas o título “Bíblia Sagrada”; no seu interior paratextos diversos tratam de nos adequar às leituras ortodoxas, pelo que se torna difícil desde o primeiro

---

2. No cenário norte-americano e europeu o leitor pode encontrar uma variedade considerável de obras disponíveis com títulos desse tipo ao fazer uma busca superficial pela expressão *The Bible as Literature* nalgum site que comercializa livros. Por exemplo, numa busca desse tipo encontramos: de Glen Cavaliero e T. R. Henn, a Taunton Press publicou *The Bible as Literature* em 2008. A Lightning Source publicou em 2006 outro *The Bible as Literature*, dessa vez de Irving Francis Wood e Elihu Grant. Também temos um *The Bible as Literature* de John P. Peters, Richard Green Moulton e A. B. Bruce, publicado pela Bibliolife em 2009. Além disso, há muitos outros títulos parecidos, como a obra de James S. Ackerman e Thayer S. Warshaw intitulada *The Bible as/in Literature* de 1995 pela Prentice Hall, e *Reading the Bible as Literature: An Introduction*, de Jeanie C. Crain, publicado em 2010 pela Polity Press. No Brasil, ainda que a produção seja bem mais modesta, algumas editoras têm se empenhado na tradução e publicação de títulos como esses. Podemos citar alguns exemplos com esse título, dos quais, dois serão estudados mais adiante: Temos da editora Loyola *A Bíblia como Literatura* de John Gabel e Charles Wheeler em 2003, e *Leia a Bíblia como Literatura* de Cássio Murilo dias da Silva em 2007. A editora Vozes também publicou o seu *A Bíblia como Literatura*, mas de José Pedro Tosaus Abadía, em 2000.

momento manter com esse livro um relacionamento livre da interferência dogmática judaico-cristã. Daí supõe-se que a primeira característica da abordagem literária da Bíblia seja a desvinculação intencional com a herança cultural religiosa. Poderíamos dizer que ler a Bíblia como literatura é adotar um novo protocolo de leitura, em que são conscientemente retirados os antigos rótulos religiosos que sempre mantiveram a Bíblia numa seção à parte das demais obras.

A tentativa de anular ou reduzir a mediação religiosa na leitura é uma característica dessa nova forma de ler, mas não é a única. Para definir com mais precisão o que é ler a Bíblia *como literatura* teríamos que analisar as diversas abordagens literárias e adotar um campo de estudos bem mais amplo. Uma pesquisa sobre a história da leitura da Bíblia seria o caminho mais recomendado, porém, os limites de um artigo acadêmico não nos permitirão realizar tal empreendimento. Sendo assim, escolhemos tratar de apenas dois momentos dessa história; aqueles que nos parecem mais relevantes para definir o que é ler a Bíblia literariamente nos dias de hoje.

Se alguém nos perguntasse sobre os trabalhos mais influentes para crítica bíblica desde uma perspectiva literária no século XX, duas obras nos viriam à mente antes de quaisquer outras, tanto pelo valor intrínseco de ambas, quanto pela influência que exerceram nos estudos bíblicos desde suas origens: primeiro *Mimesis* de Erich Auerbach, e depois *A Arte da Narrativa Bíblica* de Robert Alter. Escolhemos então apresentar essas duas obras através de nossa própria leitura e, dessa crítica, demonstrar porque as julgamos tão decisivas. Além disso, temos o objetivo de revelar alguns traços que ligam uma obra à outra. Desses dois títulos extrairemos alguns tópicos que parecem definir o que é ler a Bíblia como literatura para a maioria dos proponentes atuais dessa abordagem, o que nos levará a ver, também, que não há unanimidade entre esses leitores.

## 1 - O Primeiro Momento: Erich Auerbach

Falemos primeiro da obra do crítico alemão Erich Auerbach, que marcou época e influenciou os estudos bíblicos desde sua publicação (ZABATIERO; LEONEL, 2011, p. 33). Original de 1946 a obra foi intitulada *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*, e traz no seu primeiro capítulo uma admirável análise da narrativa de Gênesis 22.1-13, que narra a lacônica história do (quase) sacrifício do filho de Abraão. Pelo olhar de Auerbach o texto bíblico é comparado ao canto XIX da Odisséia que contrasta com o primeiro pelo detalhamento descritivo:

Não é fácil, portanto, imaginar contrastes de estilo mais marcantes do que estes, que pertencem a textos igualmente antigos e épicos. De um lado (Odisséia), fenômenos acabados uniformemente iluminados, definidos temporal e espacialmente, ligados entre si, sem interstícios, num primeiro plano; pensamentos e sentimentos expressos; acontecimentos que se desenvolvem com muito vagar e pouca tensão. Do outro lado (Gênesis), só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão. (2011, p. 9)

Mas Auerbach foi muito além dessas observações aparentemente óbvias; deveras, ele acabou nos deixando várias outras valiosas e duráveis notas quanto às características das narrativas bíblicas: Ele notou que a Bíblia desenvolve de maneira especial seus personagens, fazendo-os ricos apesar das descrições sucintas que geralmente oferece: “[...] os próprios seres humanos dos relatos bíblicos são mais ricos em segundos planos do que os homéricos; eles têm mais profundidade quanto ao tempo, ao destino e à consciência” (2011, p. 9).<sup>3</sup> Também explicou que as narrativas bíblicas não se constroem como meras ficções, antes,

---

3. Sobre esse tema, os principais argumentos de Auerbach devem ser lidos adiante. Há algumas páginas dedicadas a demonstrar a profundidade dos personagens bíblicos (2011, p. 14-17), e outra que trata do modo como os personagens bíblicos podem cair em sua dignidade, o que para Auerbach é uma maneira de representar a vida cotidiana com realismo (2011, p. 19).

querem influenciar o leitor em sua própria visão de mundo, o que é importante para os estudos sobre a recepção da Bíblia. Vejamos algumas linhas do autor:

A pretensão de verdade da Bíblia é não só muito mais urgente que a de Homero, mas chega a ser tirânica; exclui qualquer outra pretensão. O mundo dos relatos das Sagradas Escrituras não se contenta com a pretensão de ser uma realidade historicamente verdadeira – pretende ser o único mundo verdadeiro, destinado ao domínio exclusivo. (2011, p. 11)

Os relatos das Sagradas Escrituras não procuram nosso favor, como os de Homero, não nos lisonjeiam para nos agradar e encantar – o que querem é nos dominar. (2011, p. 12)

Quando isso se torna impraticável, pela transformação demasiado profunda do meio ambiente e pelo despertar de uma consciência crítica, a pretensão à autoridade corre perigo [...] os relatos bíblicos convertem-se em velhas lendas e doutrina [...] (2011, p. 13)

Auerbach ainda salienta que ler a Bíblia é diferente de ler Homero por conta de outra particularidade: Homero, por ser tão explícito, permite apenas que o analisemos, mas nunca obtemos sucesso com sua interpretação (2011, p. 10). Por sua vez, os textos bíblicos com suas alusões inconclusivas sobre Deus e os homens, incentivam o leitor à interpretação, a empreender novas leituras, a usar sua imaginação no processo de produzir sentidos:

[...] o crente se vê motivado a se aprofundar uma e outra vez no texto e a procurar em todos os seus pormenores a luz que possa estar oculta. E como, de fato, há no texto tanta coisa obscura e inacabada, e como ele sabe que Deus é um Deus oculto, o seu afã interpretativo encontra sempre novo alimento. (2011, p. 12)

Assim, a Bíblia e Homero são escolhidos como pontos de partida para que Auerbach fale depois sobre toda a “representação literária da cultura europeia” (2011, p. 19-20), sinal de que já se reconhecia o valor da Bíblia na formação de uma tradição que originou o cânon literário ocidental (FRYE, 2004, p. 10). Para encerrar nossos breves apontamentos

sobre as ideias de Auerbach, citaremos algumas linhas conclusivas do próprio autor que apresentam as principais características notadas em Homero e em Gênesis, respectivamente:

Os dois estilos representam, na sua oposição, tipos básicos: por um lado, descrição modeladora, iluminação uniforme, ligação sem interstícios, locução livre, predominância do primeiro plano, univocidade, limitação quanto ao desenvolvimento histórico e quanto ao humanamente problemático; por outro lado, realce de certas partes e escurecimento de outras, falta de conexão, efeito sugestivo do tácito, multiplicidade de planos, multivocidade e necessidade de interpretação, pretensão à universalidade histórica, desenvolvimento da apresentação do dever histórico e aprofundamento do problemático [...] esses estilos exerceram sua influência constitutiva sobre a representação europeia. (2011, p. 20)

A abordagem literária da Bíblia nas gerações posteriores tinha em Auerbach um pioneiro competente e um grande incentivo. Outros estudiosos seguiriam seu exemplo ao tomar a Bíblia como campo de experimentação dos estudos literários. Esse foi sem dúvida um dos momentos mais importantes para que a Bíblia viesse a ser lida como literatura desde então.

## **2 – O Segundo Momento: Robert Alter**

O segundo momento que escolhemos mencionar se dá em 1981, quando o norte americano Robert Alter, professor de literatura hebraica e comparada, publicou um livro que é outro importante marco na história recente dos estudos bíblicos; um título que simbolicamente inaugurou uma nova fase, incentivando a próxima geração a adotar a abordagem literária da Bíblia (BERLINERBLAU, 2004, p. 10). Intitulado *The Art of Biblical Narrative* em seu idioma de origem,<sup>4</sup> a obra de Alter reuniu artigos que o autor publicou entre 1975 e 1980. Segundo o próprio Alter, a abordagem literária da Bíblia ainda engatinhava até aquela data no início

4. O livro foi chamado *A Arte da Narrativa Bíblica* na tradução brasileira publicada em 2007. É dessa edição brasileira que faremos em nossas citações.

dos anos 80 (2007, p. 28), e esse é um dos motivos pelos quais sua obra se tornou tão importante. Até hoje, raramente Alter deixa de ser mencionado pelos que anseiam por estudar a Bíblia como literatura.

Robert Alter tinha o propósito de lançar nova luz sobre a Bíblia mediante a aplicação de uma abordagem literária (2007, p. 10), o que já havia sido experimentado com sucesso por Auerbach. Mas Alter preserva ao longo de suas páginas a preocupação de não se igualar ao trabalho de outros críticos que se envolviam em exercícios virtuosos e inimitáveis de interpretação. Ele opta por ensinar o leitor interessado sobre algumas modalidades próprias dessas narrativas bíblicas, as quais julga necessárias para que esses leitores não imponham seus hábitos de leitura modelados pelo contínuo contato com obras modernas a textos tão antigos (2007, p. 263-265). Ele tem o cuidado de não criar métodos fixos, modelos prontos para a aplicação mecânica a todo texto como fazia (e ainda faz) a exegese bíblica tradicional.

Como já dissemos, a obra de Alter deve muito à de Erich Auerbach; vários dos preceitos defendidos por Alter haviam sido sugeridos por Auerbach. Algumas dessas sugestões nós apontaremos nos momentos propícios, mas é importante salientar que mesmo assim, a obra desse último surpreendeu, mostrando que aquelas questões ainda não eram habituais (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 19). Isso nos mostra que Auerbach permanecera como representante de um tipo de leitura secular, ficando fora dos estudos bíblicos. Não negamos o ineditismo do trabalho de Alter, que se perguntava sobre as estratégias de narração, sobre as funções dos diálogos, destacava a importância das repetições em textos lacônicos como os do Antigo Testamento, dentre outras preocupações de caráter estritamente literário:

Quando falo em análise literária, refiro-me às numerosas modalidades de exame do uso engenhoso da linguagem, das variações no jogo de ideias, das convenções, dicções e sonoridades, do repertório de imagens, da sintaxe, dos pontos de vista narrativos, das unidades de composição e de muito mais; em suma, refiro-me ao

exercício daquela mesma atenção disciplinada que, por diversas abordagens críticas, tem iluminado, por exemplo, a poesia de Dante, as peças de Shakespeare, os romances de Tolstói. (2007, p. 28-29)

Dentre as principais ideias, destaca-se a de que as narrativas do Antigo Testamento se caracterizam pelo laconismo, repetindo a primeira intuição literária de Erich Auerbach ao ler Gênesis 22 (2011, p. 5-9). Mas Alter deu continuidade à pesquisa e sugeriu que se a economia de palavras é a principal marca dessas narrativas, exceções a esse padrão devem ser encaradas como intervenções importantes dos escritores bíblicos. Ele tentou explicar a razão de alguns dos mais recorrentes desvios a essa regra, dedicando-se ao exame de textos marcados pela repetição de determinadas palavras, verificando os incomuns detalhamentos nas descrições de alguns personagens, avaliando similaridades e diferenças em casos em que os mesmos eventos reaparecem em várias histórias, e ressaltando a importância dada aos diálogos.

Mas nossa impressão é a de que as mais importantes das contribuições da obra de Alter foram aquelas ligadas à sua ideia de unidade literária dos livros bíblicos. Logo no primeiro capítulo o autor critica a exegese bíblica tradicional que há muito tratava os livros bíblicos como “colchas de retalhos de documentos não raro díspares” (2007, p. 26), como se os seus redatores fossem “tomados por uma espécie de pulsão tribal maníaca, sempre compelidos a incluir unidades de material que não faziam sentido algum, por razões que eles próprios não saberiam explicar” (2007, p. 40). Por outro lado, Alter não ignorava “o que a pesquisa histórica já nos ensinou acerca das condições específicas em que se desenvolveu o texto bíblico e sua natureza quase sempre de composição a partir de elementos heterogêneos”, deixando claro que ler a Bíblia como literatura não é o mesmo que analisar um romance moderno, isto é, como obra “inteiramente concebida e executada por um único escritor independente, capaz de supervisionar sua obra original, do rascunho preliminar às provas de autor” (2007, p. 39). Tendo encontrado

uma posição inteligente entre a crítica literária contemporânea (acostumada a obras coesas que foram compostas por um único autor) e a crítica bíblica tradicional (que revelou quão diversificadas podem ser as fontes das quais os redatores bíblicos se valeram), Robert Alter escreveu um capítulo que procura esclarecer a “arte compósita” dessa literatura. O sétimo capítulo de *A Arte da Narrativa Bíblica*, talvez o mais memorável deles, levanta alguns dos conhecidos problemas de descontinuidade, duplicações e contradições dos textos bíblicos. Ele propõe que os autores e redatores bíblicos trabalhavam com noções de unidade bastante diferentes das nossas:

O texto bíblico pode não ser o tecido acabado que a tradição judaico-cristã pré-moderna imaginou, mas pode ser que a miscelânea confusa de textos que as pesquisas tantas vezes quiseram pôr no lugar das noções mais antigas, lida com mais minúcia, forme um padrão intencional. (2007, p. 200)

O autor passa a demonstrar a eficácia de sua proposta por meio de exemplos. No primeiro deles, analisa a narrativa da rebelião abortada de Corá e seus seguidores contra Moisés, em Gênesis 16, deixando claro que uma leitura atenta é capaz de identificar que o texto foi composto pela junção de duas narrativas distintas, em parte contraditórias, mas que tinham em comum o tema da rebelião. Então, após demonstrar como o texto viola nossos conceitos de coerência e coesão, sugere que tal confusão não precisa ser atribuída a uma mera negligência do redator; pareceu-lhe mais provável que as duas narrativas tenham sido intencionalmente unidas, proporcionando ao leitor uma explanação mais ampla do tema da “rebelião contra a autoridade divina”. Para Alter, nós é que temos dificuldade para compreender a lógica narrativa dos antigos escritores e redatores bíblicos, segundo a qual, os problemas decorrentes da união de duas narrativas diferentes eram irrelevantes diante da possibilidade de se alcançar esse resultado multifocal (2007, p. 204-205). Temos que dizer que essa ideia também parece ter suas raízes no trabalho de Auerbach: o crítico alemão dissera que o “Velho Testamento é incompa-

ravelmente menos unitário na sua composição do que os poemas homéricos, é mais evidentemente feito de retalhos [...] Ainda que tenham recebido alguns elementos, dificilmente encaixáveis, ainda assim estes são apreendidos pela interpretação...” (2011, p. 13-14). Partindo desse ponto e sempre em comparação com os poemas homéricos, Auerbach faz elogios à profundidade dos personagens bíblicos, ao desenvolvimento rico de suas vidas proporcionado pela sucessão de eventos diversos da juventude ao envelhecimento (2011, p. 14-15). Ele termina dizendo que a história da composição fragmentária dos textos bíblicos que tantos problemas de coesão e coerência causam, na verdade é característica enriquecedora dessas narrativas quando as observamos de forma geral. Pelo menos é assim que entendemos essas palavras:

A objeção de que o histórico-vital do Velho Testamento surgiu, muitas vezes, da síntese de diversas personagens lendárias, não nos atinge; pois esta síntese faz parte do surgimento do texto. E quão mais ampla é a oscilação do pêndulo do seu destino do que aquela dos heróis homéricos! (2011, p. 15)

No mesmo capítulo 7 de *A Arte da Narrativa Bíblica* ainda são estudados outros dois exemplos. Num deles o autor lida com problemas redacionais em Gênesis 42, onde um mesmo evento é narrado duas vezes. Ele escreve:

A contradição entre os versículos 27-28 e o versículo 35 é tão patente que parece ingênuo supor que o autor hebreu antigo fosse tão tolo ou incapaz a ponto de não perceber o conflito. Gostaria de sugerir, em vez disso, que o autor estava perfeitamente consciente da contradição, mas considerou-a superficial. [...] pela lógica narrativa, com a qual ele trabalhava, fazia sentido incorporar as duas versões que tinha à mão, porque juntas elas revelavam implicações mutuamente complementares do evento narrado e lhe permitiam fazer um relato ficcional completo. (Alter, 2007, p. 207-208)

Outro tema relevante encontramos no seu segundo capítulo, onde Alter discute o conteúdo das narrativas bíblicas para entender como elas

lidam com a mescla de ficção e fatos históricos, chegando a oferecer para elas a rubrica de *prosas de ficção historicizadas* (2007, p. 46-47). Primeiro, ele observa que o povo de Israel, diferentemente dos demais povos antigos, escolheu priorizar a prosa para expressar suas tradições, o que segundo ele, pode ser uma fuga intencional dos poemas épicos dos chamados “gentios” (2007, p. 47). Depois ele fala do modo como essa tradição escrita foi desenvolvida, deixando claro o seu caráter ficcional. Tendo deixado claro que essas narrativas foram forjadas pela imaginação de alguém (2007, p. 64), Alter procura demonstrar que tais narrativas ainda possuem um lado “historicizado”. Isto quer dizer que segundo ele, as narrativas bíblicas apresentam suas tramas e personagens fictícios em meio a circunstâncias históricas, ou melhor dizendo, criam enredos originais pautados em acontecimentos que eram culturalmente aceitos como história (2007, p. 71-72). Vale observar, pela última vez, que essa questão quanto ao modo como os autores bíblicos costuraram o histórico e o fictício é outro tema que foi esboçado anteriormente por Auerbach, que inclusive ofereceu, de modo condizente com seu tempo, alguns critérios para a compreensão dos efeitos de *história real* que uma narrativa bíblica provoca (2011, p. 15-18). Leiamos Auerbach uma vez mais:

Homero permanece, com todo o seu assunto, no lendário, enquanto que o assunto do Velho Testamento, à medida que o relato avança, aproxima-se cada vez mais do histórico; na narração de Davi já predomina o relato histórico. Ali também há ainda muito de lendário, como por exemplo, os relatos de Davi e Golias; só que muito, a bem dizer o essencial, consiste em coisas que os narradores conhecem por experiência própria ou através de testemunhos imediatos. (2011, p. 15)  
 [...] nas cenas dos últimos dias de Davi, o contraditório e o entrelaçamento dos motivos dos indivíduos e na trama total tornaram-se tão concretos que não se pode duvidar do caráter autenticamente histórico do relato [...] aqui começa a passagem do lendário para o relato histórico que falta totalmente nas poesias homéricas. (2011, p. 17)

Tendo conhecido parcialmente as obras de Auerbach e Alter, passa-

remos à próxima seção do artigo, dedicada mais aos efeitos desses dois grandes trabalhos nas gerações seguintes. Procuraremos enumerar algumas das características que parecem definir o que é ler a Bíblia como literatura hoje, características que em grande medida foram estabelecidas pelos dois autores que estudamos.

### **3 – A Bíblia como Literatura em Seis Postulados**

Apresentaremos seis características da leitura da Bíblia como literatura, e é verdade que nem todas foram extraídas apenas de Alter e Auerbach. Trata-se mesmo de um salto temporal na história da leitura bíblica, que inevitavelmente negligencia muitos detalhes. Também devemos dizer que não há unanimidade entre os autores que lidam com a Bíblia literariamente, pelo que dependendo da obra teórica que o leitor tem em mãos, faltam algumas dessas características enquanto outras aparecem. No final, numa última seção discutiremos um pouco dessas diferentes abordagens.

Passando às seis características que anunciamos, primeiro devemos reafirmar esta: ler a Bíblia como literatura é julgar que é possível lê-la de maneira não religiosa, abandonando o pressuposto de que a Bíblia é produto de alguma forma de intervenção divina no processo comunicativo dos seus autores. Vale dizer que esse primeiro pressuposto pode obviamente gerar certos exageros tipicamente acadêmicos quando os leitores contemporâneos tentam ignorar o fator religioso que é simplesmente indispensável quando se trata de ler a temática dos textos bíblicos (MAGALHÃES, 2012, p. 135-136).

Em segundo lugar, ler a Bíblia como literatura é reconhecer que ela não precisa ser lida como fonte histórica, pelo que os adeptos desse protocolo de leitura usam-na prioritariamente como obra ficcional. Vimos que Auerbach e Alter procuraram demonstrar que a Bíblia confunde o leitor moderno porque cria um *efeito de real* que não é comum às obras poéticas e mitológicas do mundo antigo. Mas a adoção desse segundo

pressuposto também traz seus riscos, pois ainda que esse não seja o interesse dos críticos literários, os textos bíblicos são documentos que servem à historiografia, e como disse Carlo Ginzburg, uma “atitude antipositivista radical, que considera todos os pressupostos referenciais como ingenuidade teórica, acaba se tornando, à sua maneira, um positivismo invertido” (2011, p. 347).

O terceiro pressuposto pode ser expresso com as palavras de Jonathan Culler: “Estudar alguma coisa como literatura [...] é olhar acima de tudo para a organização da sua linguagem, e não lê-la como a expressão da psique do seu autor ou como o reflexo da sociedade que o produziu” (2011, p. 31). Olhar acima de tudo para a “organização da sua linguagem” é o mesmo que dizer que se privilegia uma leitura textocentrada, sincrônica, de herança estruturalista. Isso está presente em muitas das leituras da Bíblia como literatura, mas não em todas, como logo veremos.

Em quarto lugar, diríamos que ler a Bíblia como literatura é interpretar o texto e não usá-lo. Estamos empregando Umberto Eco, que em *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção* (1994) trata da diferença que há entre ler um texto de maneira livre, criativa, descompromissada, ou de maneira atenta e comprometida com o perfil do *leitor-modelo*, sujeito fictício e ideal que é, na realidade, para quem um autor destina seu trabalho.<sup>5</sup> Para Eco, todo leitor pode ler e desfrutar de uma narrativa: alguns escolhem lê-lo superficialmente, passar rápido pelo “bosque” sem atentar aos seus detalhes; mas para ele isso é “usar” um texto. Por outro lado, há os que se dispõem a “interpretar” o texto, empenhando-se para se aproximar do *leitor-modelo* que o próprio texto deseja criar. Noutros termos, ler a Bíblia como literatura é lê-la no interior de uma tradição

5. Na mesma obra o próprio Umberto Eco define o seu *leitor-modelo* assim:

[...] uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar. Um texto que começa com ‘Era uma vez’ envia um sinal que lhe permite de imediato selecionar seu próprio leitor-modelo, o qual deve ser uma criança ou pelo menos uma pessoa disposta a aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável. (1994, p. 15)

acadêmica, a dos estudos literários, onde pressupostos e métodos contribuem para a produção de sentidos que parece mais competente aos olhos dessa tradição, a leitura que supostamente atente às intenções do texto.

Um quinto ponto pode ser apresentado, e diz respeito à ênfase na recepção que se constata nos estudos literários. O ponto anterior já nos mostra que há certo interesse pela recepção nos estudos bíblicos que descendem de Auerbach e Alter, em que a preocupação do crítico se concentra numa espécie de recepção virtual, a que é idealizada pelo autor (VOLLI, 2012, p. 22-23). Mas vale dizer que nessa mesma escola de leitura há pouco interesse pela recepção empírica da Bíblia, que é a recepção concreta realizada pelos leitores mais heterogêneos. Auerbach e Alter não nos deixaram qualquer vestígio de que se interessem pela história da leitura dos textos bíblicos, pois como já dissemos, praticam uma análise texto-centrada. Todavia, é possível que representantes mais recentes dessas abordagens literárias da Bíblia mudem esse quadro nos próximos anos e décadas.<sup>6</sup>

Tratemos do sexto e último ponto que, segundo nossa abordagem, ajuda a definir o que é ler a Bíblia como literatura: Trata-se de uma nova perspectiva de unidade literária. Popularmente, a crença numa atuação divina (e monoteísta) na criação dos textos bíblicos induz o leitor religioso a ignorar aspectos literários importantes, como as inúmeras diferenças entre os livros bíblicos que decorrem da multiplicidade de autores que os escreveram. Se há muitos autores é natural que sejam identificáveis incontáveis particularidades que tornam cada livro bíblico uma

---

6. Trazemos aqui algumas obras que podem ser consultadas e que são exemplos de iniciativas de pesquisa na história da leitura/recepção dos textos bíblicos atualmente: De José Pedro Tosaus Abadía, *A Bíblia como Literatura* (2000); de João Leonel, o livro *História da Leitura e Protestantismo Brasileiro* (LEONEL, 2010) e o artigo *A Formação do Leitor Religioso: Pentecostais e Leitura no Brasil* (FERREIRA, 2012); de Alexander Leslie Milton, *História da Recepção da Bíblia: Novos Enfoques na Pesquisa Britânica* (2005); e de Antonio Paulo Benatte os artigos *História da Leitura e História da Recepção da Bíblia* (2007) e *Os Pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações Mediante a Estética da Recepção* (2012).

obra única, mas o exame dessas particularidades parece dispensável para aqueles que quando leem a Bíblia julgam ler apenas a “Palavra de Deus”. Essa é uma questão com a qual os estudos bíblicos têm lidado desde seus primórdios, e que continua lançando desafios aos críticos modernos. A exegese tradicional, em reação à leitura religiosa, acabou segmentando sobremaneira os textos, delimitando perícopes, elegendando as porções que pareciam mais antigas e abdicando de outras... Ela tentava solucionar os problemas decorrentes desse hábito minimalista pautado em pressupostos historiográficos superados e na defesa contra a leitura monolítica praticada pelos religiosos; contudo, a partir do florescimento dos estudos literários voltados para Bíblia, a problemática foi enfrentada com novos e mais eficazes instrumentos. Aqueles que hoje estão abordando a Bíblia literariamente concentram sua atenção sobre conjuntos textuais limitados, escolhendo como objeto de estudo livros individuais ou grupos textuais que se aproximam por algum fator, como os Evangelhos Sinóticos, as Cartas Paulinas, os Profetas Pré-Exílicos, os Salmos de Lamento etc. Nisso, os estudos bíblicos devem muito a Robert Alter que defendeu a hipótese de que as narrativas bíblicas são um tipo de “arte compósita”.

#### **4 – Duas Maneiras de Ler a Bíblia como Literatura**

Os pontos acima enumerados parecem ser os mais recorrentes entre os leitores da Bíblia como literatura, mas identificamos pelo menos duas vertentes de leitores que dizem ler a Bíblia como literatura, e o sinal mais evidente dessa divisão se expressa no mercado editorial. De um lado, temos as obras dos críticos literários que decidiram estudar a Bíblia como já faziam com outras obras, e foram publicados no Brasil por editoras seculares. Desse primeiro tipo é a obra do próprio Erich Auerbach publicada pela editora Perspectiva (2011), a de Robert Alter pela Companhia das Letras (2007), a de Alter em parceria com Frank Kermode, da editora Unesp (1997), a de Northrop Frye da Boitempo (2004), ou as obras do crítico literário Harold Bloom, publicados por editoras como Companhia

das Letras (2012) e Objetiva (2009). Do outro tipo são as obras dos críticos que eram praticantes da exegese bíblica e se adequaram às teorias literárias contemporâneas; esses estão quase sempre vinculados a instituições religiosas, e suas obras foram publicados no Brasil por editoras católicas. Veja-se, por exemplo, a obra de John B. Gabel e Charles B. Wheeler publicada pela editora Loyola (2003), a de Daniel Marguerat e Yvan Bourquin pela mesma editora (2009), a de José Pedro Tosaus Abadia pela Vozes (2009), ou os títulos de João Leonel pela Paulus (2013), um deles em parceria com Júlio Zabatiero (2011).

Podemos dizer que todos os autores que acima organizamos em dois grupos a partir da confessionalidade de seus editores se empenham por ler a Bíblia como literatura, mas será que ambos os grupos são parte de uma mesma escola de leitura? Mesmo com a adoção dos mesmos pressupostos teóricos, suas obras seguirão em diferentes estantes nas livrarias. O primeiro grupo, de editores seculares, produz obras destinadas prioritariamente a pessoas desvinculadas das instituições religiosas, e os próprios autores são parte de uma tradição literária acadêmica e secular. Na prática, eles mostram interesse por muitas obras clássicas que citam com frequência, e geralmente em suas análises partem de versões bíblicas atuais, de traduções popularmente conhecidas como as versões da King James (para os autores de língua inglesa) ou de João Ferreira de Almeida (para os brasileiros). Robert Alter pode ser apontado como uma exceção a esta regra, já que lida quase sempre com o texto hebraico do Antigo Testamento.

Entretanto, o segundo grupo, o dos editores católicos, mantém a presença de alguma mediação religiosa na leitura (mais amena que em sua forma tradicional, é verdade), e não escondem a herança da tradição exegética. Seus leitores (implícitos) são em grande parte exegetas que precisam se atualizar a partir da teoria literária, e é comum notar um rigor na aplicação de passos consecutivos de análise, o que também é um hábito desenvolvido pelos métodos exegéticos. Diferente dos primeiros, esses já não demonstram a mesma afinidade com os textos clássicos

do cânon literário ocidental; não citam Homero, Dante ou Shakespeare, mas possuem grande intimidade com textos apócrifos e pseudoepigráficos dos tempos bíblicos, enquanto fazem uso corriqueiro de dicionários e comentários especializados que sempre serviram à prática exegética. Em geral, esses leitores mantêm grande interesse pelas versões bíblicas em seus idiomas de origem, o que é uma virtude quando essa prática não parte do pressuposto religioso de que estes são os textos mais próximos aos autógrafos sagrados.

## Considerações Finais

Enfim, o quadro geral que aqui esboçamos é bem mais complexo do que poderíamos supor a partir da leitura de Auerbach e Alter. A influência de ambos é inegável, e quanto mais aprofundado for nosso exame, provavelmente mais constataremos a força desses dois autores na formação de uma nova forma de ler a Bíblia. Esse foi o primeiro objetivo de nosso trabalho, aproximar o leitor dessas duas obras e afirmar a importância delas para história recente da leitura bíblica. Todavia, acabamos excedendo esses primeiros limites quando tentamos definir o tipo de leitura de que eles foram uns dos pioneiros.

O que é ler a Bíblia como literatura? A única certeza que temos quanto a essa nova forma de ler é a de que ela se aproxima dos hábitos e pressupostos dos teóricos literários contemporâneos. Porém, vimos que nessa suposta nova escola de leitura há também muitas indefinições ou variações que no momento nos impedem de definir o que é exatamente ler a Bíblia como literatura. Sugerimos que se verifique o desenvolvimento dos estudos bíblicos literários a partir de dois diferentes círculos editoriais, de onde podem emergir conclusões importantes sobre o estabelecimento definitivo da Bíblia como objeto de estudo por parte dos estudos literários em geral, e sobre o desenvolvimento de uma nova exegese bíblica que já não faz questão de manter as fronteiras que a separavam dos estudos literários. Infelizmente está fora do nosso alcance

dizer se tal divisão permanecerá, ou se no futuro ambas as tendências serão consideradas apenas uma única escola de leitura.

## Referências Bibliográficas

- ALTER, Robert. *A Arte da Narrativa Bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank (orgs.). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.
- BENATTE, Antonio Paulo. *História da Leitura e História da Recepção da Bíblia*. In: *Oracula*, v. 3, n. 5, 2007, p. 61-72.
- \_\_\_\_\_. *Os Pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações Mediante a Estética da Recepção*. In: *Rever*, ano 12, n. 1, 2012, p. 9-30.
- BERLINERBLAU, Jacques. *Bible as Literature?* In: *Hebrew Studies*, 45, 2004, p. 9-26.
- BLOOM, Harold. *Abaixo as Verdades Sagradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Onde Encontrar a Sabedoria?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- CULLER, Jonathan. *Literary Theory: A Very Short Introduction*. New York: Oxford University Press Inc., 2011.
- ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERREIRA, João Cesário Leonel. *A Formação do Leitor Religioso: Pentecostais e Leitura no Brasil*. In: *Todas as Letras*. v. 14, n. 1, 2012, p. 217-226.
- FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GINZBURG, Carlo. *Provas e Possibilidades*. In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 311-335.
- LEONEL, *História da Leitura e Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie/Paulinas, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Mateus, o Evangelho*. São Paulo: Paulus, 2013.
- MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. *A Bíblia na Crítica Literária Recente*. *Teoliterária*, v. 2, n. 4, 2012, p. 133-143.
- \_\_\_\_\_. *Deus no Espelho das Palavras: Teologia e Literatura em Diálogo*.

São Paulo: Paulinas, 2009.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise Narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

MILTON, Alexander Leslie. História da Recepção da Bíblia: Novos Enfoques na Pesquisa Britânica. In: Oracula, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, 2005, p. 84-99.

NORTON, David. The History of the English Bible as Literature. New York: Cambridge University Press, 2004.

SOMMERS, Janet B. Interpreting the Bible as Literature: Historical and Contemporary Contexts with Implications for Christian Education. Christian Education Journal, n. 1, v. 4, 2007, p. 78-99.

TOSAUS ABADÍA, José Pedro. A Bíblia como Literatura. Petrópolis: Vozes, 2000.

VOLLI, Ugo. Manual de Semiótica. São Paulo: Loyola, 2012.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. Bíblia, Literatura e Linguagem. São Paulo: Paulus, 2011.